



Revista Portuguesa  
de

# irurgia

II Série • N.º 14 • Setembro 2010

# Augusto Monjardino – princípios de vida e de carreira médica nos hospitais civis de Lisboa e na escola médico-cirúrgica de Lisboa

*O texto autobiográfico escrito pelo Prof. Augusto Monjardino nos últimos anos da sua vida e que hoje se publica, foi cedido à Revista da Sociedade Portuguesa de Cirurgia por amabilidade de seu neto, o nosso velho amigo e colega de curso Dr. João Pedro Pulido Valente Monjardino, a partir de um manuscrito que está na sua posse, no qual algumas palavras são ilegíveis ou dificilmente legíveis. Resolvemos manter a grafia, acentuação e pontuação do documento original, que conserva assim a sua genuinidade.*

*O texto completo pode ser dividido em duas partes:*

*a carreira de cirurgia geral nos Hospitais Civis de Lisboa e no de Santa Marta (este pertencente à Faculdade de Medicina);*

*a concepção e criação, após uma luta de mais de vinte anos, da Maternidade Dr. Alfredo da Costa.*

*Ainda que esta segunda parte tenha o maior interesse, o seu conteúdo sai do âmbito da cirurgia geral, e, assim, com autorização do Dr. João Monjardino, a quem ficamos muito gratos, transcrevemos apenas a primeira parte.*

*Ao longo da leitura apercebemo-nos da emotividade e sinceridade com que foi feito o manuscrito, que é um vibrante testemunho de uma época crucial na evolução da cirurgia portuguesa.*

*As dificuldades encontradas na transição para as técnicas da antissépsia e da assépsia, os primeiros passos do Internato, o sofrimento com os primeiros doentes graves, a gratidão para com o seu mestre Custódio Cabeça, o episódio tocante passado na enfermaria de Santa Maria Egípcíaca no Hospital do Desterro, a luta pela conquista dos lugares de Cirurgião dos Hospitais Civis e de Professor da Escola Médico-Cirúrgica, revelam-nos um carácter forte associado a uma alma sensível, dois pilares fundamentais, ontem como hoje, da personalidade de um cirurgião.*

*Para além da sua vida hospitalar e da sua carreira académica – foi professor de Anatomia Topográfica, de Medicina Operatória, de Patologia Cirúrgica, de Ginecologia e de Clínica Cirúrgica – o Prof. Augusto Monjardino foi, ainda, Reitor da Universidade de Lisboa, Director dos Hospitais Civis de Lisboa, Presidente da Sociedade das Ciências Médicas e Director da Maternidade Dr. Alfredo da Costa.*

*A sua vida é para todos nós um exemplo de tenacidade.*

Luiz Damas Mora





Prof. Dr. Augusto Monjardino (1871-1941)

Nasci a 3 de Março de 1871 ficando orfão de pai aos 15 anos. Minha mãe rodeada de cinco filhos, com rendimentos escassos, dificilmente poderia tomar o encargo pesado da educação de tantos filhos, três dos quais varões, e mais novos que eu. Tive portanto de interromper a minha educação quando tinha concluído o 5º ano dos liceus, vindo para o Continente, chegando a Lisboa no dia de Natal de 1886 a caminho do Fundão, para a companhia de meu tio João de Ornelas Bruges, chefe de uma secção de construção do Caminho de Ferro da Beira Baixa, onde sob a sua direcção prestei serviços como desenhador durante cerca de 4 anos. Terminada a construção do Caminho de Ferro regressi aos Açores (Angra do Heroísmo, minha terra natal) na situação de condutor contratado para a Direcção das Obras Públicas.

Já com alguma experiencia da vida, a suficiente para me convencer da necessidade de adquirir uma situação que me permitisse ter um futuro mais risonho do que aquele que me estava reservado, se me mantivesse na posição de condutor contratado das Obras Públicas, sem possibilidade de acesso e em risco de me ser

rescindido o contrato de um momento para o outro, resolvi concluir o curso do liceu. Mercê do auxílio prestado por meu avô- Conselheiro José Inácio de Almeida Monjardino e minha tia e madrinha, irmã de meu pai- Baronesa de Ramalho- resolvi tirar o curso de Medicina, fazendo os preparatórios em Coimbra e no Porto, fixando-me em Lisboa em 1894, matriculado na Escola Médica.

Terminei o meu curso em 1899 defendendo a tese inaugural ‘Sobre Astragalectomia’ em 18 de Julho, aprovado plenamente com louvor.

Durante o quarto e quinto ano do curso mediante concursos, fui respectivamente externo e interno na Enfermaria de Santa Quitéria, no Hospital Estefânia, sob a direcção do Professor Curry Cabral, tendo como assistente o Dr. Custódio Cabeça que ao tempo preparava a sua tese “Tumores da mama” para o concurso de professor da Escola Médica, lugar que obteve em 1898.

Foi sob a orientação, conselhos e ensinamentos de Custódio Cabeça que me iniciei na cirurgia e que comecei a ter pela arte cirúrgica o entusiasmo e o amor que nunca me abandonaram.

Durante o meu externato e parte do internato o material operatório era esterilizado precariamente. A desinfecção das compressas era feita pela fervura em soluto de carbonato de sódio, utilizavam-se sobretudo as bolas de algodão hidrófilo, também fervido, que um enfermeiro espremia de forma a ficarem apenas húmidas. O material cirúrgico era também esterilizado por ebulição. As blusas eram lavadas e passadas a ferro bem quente e só no meu quinto ano começou a usar-se a esterilização em autoclave, das roupas, material de pensos e operatório, e os instrumentos cirúrgicos na estufa de Poupinel, estando a cargo dos internos esse serviço, e que era feita na enfermaria de Santa Margarida, única no Hospital Estefania que possuía instalação adequada a esse fim; adquirida pelo professor Augusto de Vasconcelos que nessa enfermaria desempenhava as funções de assistente.

Começou por esse tempo a usar-se o ‘catgut’ que o mercado fornecia em meadas e que cada um tinha de esterilizar para seu uso. Esterilização difícil e de gran-





recorda um facto que me deu um dos maiores prazeres da minha vida de então.

A primeira vez que tive de auxiliar o professor Cabeça numa operação remunerada foi em casa de uma senhora (nessa altura ainda não havia casas de saúde) irmã de um notável jornalista e distinto colonial, portadora de uma artrite do joelho, a quem foi feita uma resecção. Recebi quarenta mil reis de honorários e apesar das minhas dificuldades pecuniárias, comemorei esse facto comprando um relógio, que ainda conservo, e que tem marcado muitas horas da minha vida, boas e más.

Mas o auxílio que de início me foi dado, por motivos diversos, independentemente da vontade generosa dos meus benfeitores, foi cerceado e por volta do 5<sup>o</sup> e último ano do curso deixou de poder ser prestado e eu tive de, por meio de empréstimos, obter os recursos indispensáveis para concluir o curso e me manter enquanto não pudesse, munido do meu diploma, auferir os meios necessários para a minha modesta manutenção e para satisfazer os encargos que tomara.

Foi nessa altura, fins de Julho, começo de Agosto, que fui informado da necessidade de um médico para a Companhia do Niassa e de que o Professor Câmara Pestana era o encarregado da escolha do diplomado, ao qual solicitei os seus bons ofícios para obter essa colocação. Ao Professor Cabeça com quem trabalhara dois anos consecutivos durante o meu externato e internato dei conhecimento da minha intenção e pedi conselho. Ainda me lembro das palavras amigas que então me disse; palavras que traduziam a sua estima por mim, que se manteve ininterruptamente até à sua morte, e decidiram o meu futuro. Disse-me: “Está prestes a abrir-se o concurso para cirurgião dos Hospitais Civis. Você tem condições para adquirir um desses lugares, prepare-se convenientemente, faça o concurso e fique em Lisboa. Continuará a trabalhar comigo, será o meu ajudante em todas as operações que eu haja de fazer e creio que não terá de se arrepender”. Segui com alvoroço o conselho, aceitei reconhecido a oferta e desisti de partir para África. Fiz concurso, aberto para 6 vagas (éramos 7 concorrentes); fui classificado em primeiro lugar. Estava orientada a

minha vida mercê do conselho e auxílio de um amigo cuja memória venero e é sempre com profunda saudade que fixo o óptimo retrato, dádiva gentil da sua extremosa esposa, colocado em frente da minha mesa de trabalho onde escrevo estas linhas.

Dos companheiros desse concurso apenas restam três- Costa Sacadura, Elisiário Ferreira e eu, os quatro restantes, Feio e Castro, Henrique Bastos, Vasques Machado e Carlos França, já desapareceram.

O concurso realizou-se em Outubro de 1899 e em Janeiro de 1900 tomava posse do meu lugar, sendo colocado como assistente no Hospital do Desterro, enfermaria de Santa Maria Egipcíaca da direcção do Dr. Joaquim Evaristo de Almeida.

Este Serviço hospitalar era reservado às meretrizes (parte cirúrgica), doentes indisciplinadas, dizia-se, e assim era de facto; mas não só por culpa delas. Havia a má orientação de as considerar mais como presas do que como doentes; estavam por assim dizer no regime de clausura, e até havia um quarto na cave, à laia de enxovia, onde a desgraçada era encarcerada quando reincidia nos actos de desobediência ou indisciplinada.

Mas ao lado da disciplina que se pretendia impôr não havia o interesse pela vida e pela saúde destas infelizes; nem sempre havia justiça na escolha das doentes para efeito de altas; não havia o indispensável carinho com estas mulheres, consideradas uns entes áparte, escória da sociedade. Proceder para com elas, abstraindo da sua profissão, considerando-as e tratando-as como se fossem pessoas, doentes como as outras, mostrando todo o interesse pelos seus males, aconselhando-as e encaminhando-as; fazendo-lhes sentir a necessidade da disciplina, sem abuso de autoridade, permitindo-lhes umas certas liberdades sem excessos, julguei ser a forma de despertar nelas o sentimento de gratidão, o que não foi difícil, uma vez que essas desgraçadas, escorraçadas de todos, teriam necessariamente o reconhecimento por aqueles que por elas manifestassem interesse e carinho. Se a isso juntássemos escrupulo e a justiça no critério das *altas* – teremos a explicação da transformação que se operou na maneira destas doentes, que passaram a ser respeitadoras, disciplinadas e reconhecidas.



O pessoal de enfermagem foi de um auxílio digno de registo e preciosa foi a colaboração do interno Dr. João Batista Frazão.

Para terminar este assunto cito um caso curioso: as janelas da enfermaria de Santa Maria Egipcíaca davam para um pátio por onde se fazia a comunicação do exterior com todos os serviços, entrando por ali todas as visitas aos doentes das outras enfermarias. A essas janelas acorriam todas as doentes dirigindo graças, por vezes licenciosos, aos visitantes, o que determinou que as portas interiores fossem fechadas à chave. Entrando eu uma vez na enfermaria, próximo da hora das visitas, notei com espanto que cuidadosamente se procedia ao encerramento das janelas. Ordenei que essa prática fosse suspensa, de uma vez para sempre, acentuando e frisando que aquelas doentes eram como quaisquer outras e que bastava dizer-lhes e aconselhá-las a que não se abeirassem das janelas na ocasião das visitas ou que se o fizessem deveriam comportar-se decentemente.

Não mais se trancaram as janelas, não houve necessidade de repetir o aviso e, caso curioso, quando alguma doente pretendia transgredir nas recomendações feitas, eram as companheiras que se encarregavam de chamar à ordem a recalcitrante ou as que de novo entravam e desconheciam as disposições tomadas.

Assim se estabeleceu respeito por quem dirigia o serviço e a confiança, permitindo que fosse possível fazer intervenções de alta cirurgia, iniciando-se a prática da ginecologia onde até então com dificuldade se conseguia incisar um simples abscesso.

Ainda no mesmo hospital do Desterro e na Enfermaria da Nossa Senhora da Piedade da direcção de um amigo, Dr. Francisco dos Reis Stromp, exerci as funções de assistente durante algum tempo, e mais tarde ali permaneci como director, pela colocação do Dr. Stromp num serviço de Cirurgia do Hospital D. Estefânia. Foi nesta enfermaria que comecei mais intensamente a dedicar-me à ginecologia, mercê da escolha que fazia dentre as doentes que frequentavam a consulta respectiva no Hospital de S. José, que estava a meu cargo.

Em 1911 foi transferida a enfermaria de Nossa Senhora da Piedade para o Hospital de D. Estefânia,

para um pavilhão colocado na cerca, onde trabalhara Sabino Coelho e onde, depois, pontificara Custódio Cabeça, que encarregado da cadeira de Clínica Cirúrgica, fora transferido para o Hospital Escolar de Santa Marta, que nessa altura ainda estava incorporado no bloco dos Hospitais Cívís.

Foi por essa altura que fiz parte da comissão encarregada da reforma hospitalar composta pelos directores dos diferentes hospitais<sup>1</sup> - trabalho árduo e intenso, sessões repetidas e demoradas, tendo-se feito trabalho digno de registo, mas de efeitos nulos, porque, concluído o projecto de reforma, foi enviado ao parlamento, aprovado na Câmara dos Deputados mas torpedeado no Senado, onde uma oposição mais pessoal que de princípio lhe deu o golpe de misericórdia.

A Comissão que trabalhara com interesse e entusiasmo, vendo que em pouca atenção fôra tido o seu esforço, pediu a demissão, abandonou os seus lugares de direcção e entregou a gerência dos serviços Hospitalares ao chefe de secretaria!

Depois permaneci no pavilhão do Hospital da Estefânia durante um certo tempo, onde, com auxiliares prestimosos, tive um intenso labor cirúrgico até que, para ampliar o serviço de pediatria, foi esse pavilhão arrasado com a intenção de aí ser construído um edifício para a parte cirúrgica daquela especialidade. Foi nessa altura que transitei para a enfermaria de Santa Margarida (hoje Ferraz de Macedo) onde permaneci até que, provido na cadeira de Patologia Cirúrgica da Faculdade, tive de tomar a direcção do serviço hospitalar, em Santa Marta, que lhe está adstrito, saindo do quadro dos Hospitais Cívís embora o Hospital Escolar de Santa Marta fosse já pertença da Faculdade.

A lei que regula esta situação é de certo, no momento actual, iníqua e injusta, uma vez que estabelece que a acumulação não é permitida, quando os serviços

---

<sup>1</sup> A Comissão era constituída por Francisco Gentil, Belo Moraes, Aníbal Bettencourt, Gama Pinto, Júlio de Matos, Nicolau Bettencourt, Costa Néri e eu, directores respectivamente do Hospital de S. José, Santa Marta, Instituto Bacteriológico, Instituto de Oftalmologia, Manicómio Miguel Bombarda, H. do Rego, Desterro, H. Estefânia e Arroios



clínicos anexados às cadeiras da Faculdade tem a sua sede no Hospital Escolar; mas é permitida quando esses Serviços existem em qualquer dos hospitais do bloco dos Hospitais Cívís. Por exemplo: o Serviço Clínico ligado à Cadeira de Obstetrícia tem a sua sede no Hospital de S. José (Maternidade de Santa Bárbara) e o professor respectivo sendo, como tem sido sempre, cirurgião dos hospitais, continua na direcção do seu Serviço hospitalar. Não discuto se bom, se mau é este regime, mas seguramente não é um critério razoável nem justo, embora se pretenda dar a explicação que segue.

Compreende-se facilmente que pertencendo o Hospital de Santa Marta, anexo pedagogicamente à Faculdade de Medicina, aos Hospitais Cívís, os professores que eram facultativos dos Hospitais, uma vez colocados em Santa Marta, por exigência das respectivas cadeiras, não podiam nem deveriam dirigir dois Serviços e a lei determinou e bem que a acumulação não fosse permitida. Mas uma vez que o Hospital de Santa Marta se destacou do bloco, passando a denominar-se Hospital Escolar e a ter vida autónoma, não se compreende que subsistisse a disposição legal, que evidentemente deveria ter sido derogada. Mas esta disposição não foi aplicada ao Serviço da Faculdade - Maternidade de Santa Bárbara, no Hospital de S. José, sendo sempre ao professor facultativo do hospital permitido a acumulação dos dois serviços. E ainda actualmente se mantém a excepção sendo o Director da Maternidade da Faculdade (Santa Bárbara) o mesmo da maternidade hospitalar (Magalhães Coutinho). Existe pois uma desigualdade manifesta que nada justifica.

Quando tomei posse do lugar de cirurgião dos Hospitais Cívís era o Professor Curry Cabral Enfermeiro-Mór e procedia à remodelação dos Serviços hospitalares, tendo realizado uma obra digna de menção a que se não tem feito a devida e merecida justiça. Obra notável, muito criticada e discutida ao tempo, não isenta talvez de defeitos e lacunas; mas de uma honestidade indiscutível e que aos hospitais deu um impulso e uma organização que permitiu mais tarde servir de base e até de orientação a projectos de reforma que se

lhe seguiram, e em boa verdade se poderá dizer que as alterações ou substituições que lhe foram feitas nem sempre foram felizes.

Durante a sua administração foi construído o Hospital de Santa Marta, hoje Hospital Escolar pela transformação e adaptação do antigo Hospício do Clero e o Hospital do Rêgo para doenças infecto-contagiosas independentemente de melhoramentos importantes em todos os hospitais existentes.

Foi por essa altura criado lugar de Inspector Geral de Higiene para o qual fui convidado e que exerci durante alguns anos.

Na antiga organização hospitalar os cirurgiões do Banco eram providos a assistentes de enfermaria; mas quando como no meu caso, havia vagas a preencher no Banco e na classe dos assistentes os primeiros classificados iam logo ocupar as vagas destes sem transitarem por aqueles. E assim foi que três vagas de assistentes - tantas existiam - foram preenchidas pelos três primeiros classificados.

As funções de cirurgião do Banco eram remuneradas, as dos assistentes, gratuitas; dando-se o caso curioso de o acesso implicar sempre a perda total de vencimentos. Assim só comecei a prestar serviço remunerado quando ao cabo de onze anos fui, por antiguidade, nomeado director de enfermaria, como então se lhe chamava.

## FACULDADE

Obtida a minha entrada como cirurgião dos Hospitais Cívís resolvi habilitar-me ao professorado e em 1904 concorri à vaga de demonstrador da Secção Cirúrgica da Escola Médica de Lisboa, tendo como concorrentes Salazar de Souza e Francisco Gentil. Todos obtivemos absoluto sendo Salazar de Souza o escolhido de entre os três.

Em 1905 nova vaga abre-se novamente e Francisco Gentil e eu fomos os únicos concorrentes; mas como as provas fossem marcadas para curto prazo, e eu não tivesse tempo material para fazer nova tese e o meu opositor tivesse em ordem um trabalho para publicar





O Prof. Augusto Monjardino (ao centro), tendo à sua direita o Prof. Henrique de Vilhena, com o Curso de Anatomia de 1917/1919 na Faculdade de Medicina do Campo de Santana.

(Fotografia da Coleção de Dermatologia “Mello Breyner, Sá Penella, Caeiro Carrasco” - Hospital de Stº António dos Capuchos)

que poderia apresentar na prova marcada pelo edital do Concurso, apresentei a minha desistência. Isto deu azo a que o Conselho da Escola Médica, constituído em júri, muito acertadamente dispensasse Francisco Gentil, candidato único, da prestação de provas, tendo evidentemente apresentado a sua dissertação sobre “Cirurgia do Coração”.

Continuei a minha preparação, elaborei nova dissertação e em 1906, nova vaga a ser preenchida na Escola e de novo volto a concurso, juntamente com Reinaldo dos Santos, ambos aprovados em mérito absoluto, tendo eu a preferência em mérito relativo. Tomei posse do meu lugar de professor em (...).

Estava assim marcada definitivamente a minha orientação de vida e mais uma vez, de entre tantas, recordo os conselhos amigos do Professor Cabeça.

O demonstrador da secção cirúrgica era, permitia-

se a frase: “pau para toda a obra”, por isso que, não tendo cadeira fixa, era chamado a prestar serviço e encarregado da regência de qualquer cadeira que vagasse temporariamente, não só da secção cirúrgica, mas ainda, por estranho que pareça, da secção médica.

Assim eu fui durante dois anos consecutivos encarregado da regência da Cadeira de Propedêutica Médica e Francisco Gentil, se bem me recordo, teve de reger, durante um ano lectivo de Matéria Médica e Terapêutica.

(...)

*Nota:* O presente texto continua e termina com a descrição da criação da Maternidade Alfredo da Costa que, como já afirmámos, não é aqui transcrito por sair do âmbito da Cirurgia Geral.

